

O declínio populacional guarani nos Sete Povos das Missões Orientais do Rio Uruguai: uma análise demográfica em perspectiva comparativa (1796 – 1835).

The Guaraní population decline in the Sete Povos das Missões Orientais do Rio Uruguai: a demographic analysis from a comparative perspective (1796-1835).

Leandro Goya Fontella*

Resumo: Nas primeiras três décadas do século XIX uma complexa trama histórica mergulhou a região platina num contexto de endemia bélica que provocou a decadência demográfica do complexo guaraní-missionário. A partir do tratamento serial dos assentos de batismos da Matriz de São Francisco de Borja e de informações censitárias coevas, analiso como se desenrolou este processo nas sete reduções orientais do rio Uruguai que em 1801 passaram a integrar a jurisdição portuguesa. A interlocução com estudos populacionais sobre comunidades missionárias situadas em outras áreas da América permite perceber o quão sólida era a estrutura populacional guaraní e o profundo impacto sofrido neste período.

Palavras-chave: guaranis; missões; demografia.

Abstract: In the first three decades of the nineteenth century a complex historical plot plunged the platina region in a context of warlike endemicism that provoked the demographic decay of the Guarani-missionary complex. From the serial treatment of the baptisms of the Matriz de São Francisco de Borja and of census data, I analyze how this process was carried out in the seven eastern reductions of the Uruguay River, which in 1801 became part of the Portuguese jurisdiction. Interlocution with population studies of missionary communities located in other

* Doutor em História Social - UFRJ. Professor no Instituto Federal Farroupilha - São Borja/RS.

areas of America makes it possible to perceive the solid Guarani population structure and the profound impact it suffered in the period.

Keywords: guaranis; missions; demography.

Introdução

Na primeira década do século XIX, o avanço dos exércitos napoleônicos sobre a península ibérica fragilizou sobremaneira as monarquias hispânica e lusitana. A preocupação com os assuntos europeus fez com que os soberanos relegassem as questões coloniais, o que acabou provocando grande insatisfação nos colonos e, também, nas populações indígenas americanas. No Prata, as sociedades nativas se ressentiram com o descaso das Coroas ibéricas com os seus compromissos. Por seu turno, as ideias de cunho liberal encontraram terreno fértil no descontentamento e nos anseios por transformações de parte das elites coloniais.

Neste contexto, apesar de não ter aceitado a incorporação dos Sete Povos Orientais do rio Uruguai (ver figura 2 na seção de anexos) aos domínios lusitanos em 1801, em virtude das turbulências europeias e da debilidade das forças militares coloniais, a Coroa espanhola não conseguiu reunir condições para retomar tal região dos portugueses. Assim, estes últimos puderam estabelecer sua comandância sobre as reduções sem grandes sobressaltos até meados da década de 1810. No decorrer deste período, as orientações oficiais das autoridades coloniais luso-brasileiras apontavam para a manutenção das principais instituições missionárias como forma de efetivar o controle do soberano português.

Contudo, a partir de 1810, todo o espaço platino passou a ser sacudido por uma onda revolucionária que promoveu as emancipações políticas dos territórios até então subordinados à Espanha e à Portugal. Estes incidentes mergulharam a região platina num processo de endemia bélica que se estenderia por várias décadas, primeiro com as batalhas pela autonomia política entre exércitos revolucionários e dos Impérios ibéricos, depois os conflitos entre diversos projetos para as novas sociedades emancipadas e, também, entre os novos países americanos recentemente estabelecidos. No transcurso destes eventos, o complexo

missioneiro, entendido como uma entidade política que desfrutava de prerrogativas específicas, acabou ruindo por completo.

Neste artigo realizo uma análise demográfica dos registros de batismos da Matriz de São Francisco de Borja. Na primeira seção, examino dados básicos como as médias (mensais e anuais) de batizados e as estimativas de crescimento populacional dos missioneiros. Na segunda, decompou as informações dos registros de batizados de acordo com determinados critérios como *distintivos de cor* ao longo do tempo, e relaciono estas com dados oriundos de censos populacionais da época. No decorrer destas duas seções, procuro estabelecer um quadro comparativo com análises demográficas de comunidades missioneiras situadas na América do Norte (a Alta Califórnia, a Baixa Califórnia e Pimeria Alta) e também na América do Sul (Chiquitos), as quais foram escolhidas em virtude da possibilidade de confrontar os resultados obtidos com investigações que fizeram uso de documentação (registros paroquiais de batizados e de óbito, e levantamentos populacionais) e metodologia (serial) semelhantes aquelas que utilizei neste estudo. Na terceira, me concentro no cenário demográfico de fins da década de 1820 e início dos anos 1830, momento em que certos episódios produziram um forte baque no universo populacional missioneiro dos Sete Povos.

I

Entre outubro de 1796 até dezembro de 1822 foram lavrados 3.647 registros de batismos na Matriz de São Francisco de Borja. Além disso, entre dezembro de 1829 e dezembro de 1835 mais 878 assentos de batismos foram registrados na mesma Matriz. Portanto, a análise demográfica compreende um total de 4.525 assentos. Para realizar o exame dos dados estabeleci 5 subperíodos: 1) 1796 a 1802; 2) 1803 a 1810; 3) 1811 a 1816; 4) 1817 a 1822; e 5) 1829 a 1835. No quadro 1, apresento o número de batizados por período e a média mensal.

Quadro 1 – Número e média mensal de assentos de batismos (Matriz de São Francisco de Borja, 1796-1822 e 1829-1835)

	1796-1802	1803-1810	1811-1816	1817-1822	1829-1835	Total
nº de batismos	895	1.050	697	1.005	878	4.525
nº de meses	75	89	61	57	73	355
média mensal	11,9	11,8	11,4	17,6	12,0	12,7

Fonte: Livros de Batismos de 1796 a 1802, de 1803 a 1816, de 1817 a 1822 e de 1829 a 1837 da Matriz de São Francisco de Borja, Arquivo da Diocese de Uruguaiana (doravante, ADU).

Ao longo dos períodos considerados, que compreendem cerca de 32 anos, ocorreram aproximadamente 13 batizados por mês na Matriz de São Francisco de Borja. Considerando cada intervalo individualmente, percebe-se que a frequência de cerimônias jamais foi inferior a 11. Na Capela de Alegrete, também situada na fronteira-oeste do Rio Grande de São Pedro, entre 1816 e 1827, período em que se lavrou 1.024 assentos, a média mensal foi de 8 batizados (FARINATTI, 2014, p. 220). Por meio desta simples comparação pode-se perceber que a região em pauta contava com um corpo populacional estável e considerável no decorrer do período abordado.

Creio ser pertinente confrontar os dados da Matriz de São Francisco de Borja com as informações de algumas missões nas Baixa e Alta Califórnia. A fundação do complexo missionário na Baixa Califórnia ocorreu de fins do século XVII, quando os jesuítas e, posteriormente, franciscanos e dominicanos estabeleceram um extenso sistema de missões. Esta região não dispunha de muitos atrativos para atrair um grande número de colonos hispânicos, de modo que as missões permaneceram em relativo isolamento. Além disso, uma vez que a população indígena na Baixa Califórnia era pequena, os missionários não conseguiam repovoar as missões com novos recrutas. A aridez da região dificultava o desenvolvimento agropastoril. Em consequência disto, a maioria das comunidades, particularmente aquelas com populações consideráveis, não cultivava alimentos suficientes para sustentar toda a população. Assim, os missionários organizaram um sistema de rotação em que a população de assentamentos periféricos chegava à cabecera regularmente para receber instrução

religiosa e comida. Nas aldeias satélites, os índios continuavam a caçar e a coletar alimentos como antes da chegada dos missionários e, muito provavelmente, continuaram a praticar suas crenças religiosas tradicionais. A busca por incorporar novos contingente indígenas nas comunidades missionárias configurava-se num esforço contínuo dos missionários até o colapso do sistema missioneiro no final da década de 1830 (JACKSON, 1994, p. 34; 36).

O estabelecimento de Missões na Alta Califórnia ocorreu ao longo das últimas três décadas do século XVIII. No decorrer das sete décadas seguintes, missionários franciscanos fundaram vinte e uma comunidades e numerosos assentamentos satélites na Alta Califórnia. O clima mais ameno e os maiores recursos hídricos permitiram que os franciscanos desenvolvessem agricultura em larga escala e, na maioria dos casos, reunissem todos ou uma grande parcela dos índios na cabecera. Ademais, os excedentes produzidos nas missões foram utilizados como uma forma de atrair novos contingentes indígenas. Esta situação se converteu em fator fundamental para a reposição populacional das comunidades missionárias e, conseqüentemente, da mão-de-obra do sistema econômico missioneiro. Os franciscanos obtiveram sucesso em constantemente incorporar novos grupos nas missões. A população missioneira cresceu apesar de não haver condições suficientes para expandir ou manter os níveis demográficos existentes através da reprodução natural. Isto encobriu o colapso demográfico das populações indígenas que viviam nas comunidades. Pode-se perceber duas fases distintas de recrutamento e crescimento populacional nas missões da Alta Califórnia: 1) entre 1769 e 1804 houve o estabelecimento de dezenove missões que reuniram a maior parte das populações indígenas que viviam na região costeira nas missões, e; 2) após 1815, quando os franciscanos congregaram um maior número de índios que viviam no interior. A expansão das populações missionárias terminou abruptamente em meados da década de 1820, à medida que os grupos internos resistiram mais eficazmente aos esforços de recrutamento dos franciscanos e que as fugas em larga escala ameaçavam cada vez mais a segurança das missões e reduzia a força de trabalho da missão. O declínio das populações missionárias acelerou com

o êxodo de mais da metade dos índios que viviam nas missões antes e depois da implementação do decreto de secularização de 1834 (JACKSON, 1994, p. 37; 38).

Para realizar o exercício comparativo, tomarei como referência a média anual de batismos de índios. No quadro 2 apresento números que calculei a partir dos dados levantados por Robert H. Jackson (JACKSON, 1994, p. 148–149). Em virtude das peculiaridades de cada região defini dois campos analíticos: 1) média anual de batismos de índios recém-nascidos e 2) média anual de batismos de índios total. Utilizo-me deste artifício pois, diferentemente do que ocorria nas missões de guaranis no início do século XIX, o batizado de indígenas adultos foi bastante relevante em boa parte de todas as comunidades missionais de ambas as Califórnia. Portanto, o segundo campo abrange os batismos dos rebentos indígenas e de adultos recrutados para as missões.

Quadro 2– Média anual de batizados de índios recém-nascidos em selecionadas missões

Regiões	Missões	Períodos	mab/rn*	mab/tot*
Baixa-Califórnia	São Fernando de Velicata	1800-1809	3,7	3,7
		1810-1818	1,5	2,8
	NuestraSeñoradelRosario	1800-1809	5,0	5,5
		1809-1819	2,8	3,1
Alta-Califórnia	San Carlos	1800-1809	21,4	34,5
		1810-1819	20,9	22,1
		1820-1829	15,8	15,9
		1830-1832	10,6	10,6
	Santa Cruz	1800-1809	12,2	53,3
		1810-1819	11,4	36,0
		1820-1829	13,7	38,6
		1830-1834	9,2	13,8
	San Juan Bautista	1800-1809	32,5	150,3
		1810-1819	31,0	49,0
		1820-1829	45,7	135,9
		1830-1834	34,8	46,0
Sete Povos	São Francisco de Borja	1800-1810	138,6***	138,6***
		1811-1822	63,9****	63,9****
		1830-1835	57,2	57,2

* Média anual de batismos de índios recém-nascidos.

** Média anual de batismos de índios total.

** Calculei a média considerando nove anos, pois não contabilizei os assentos de 1803 que cobrem apenas os meses de junho a dezembro.

**** Efetuei a média considerando onze anos. Os treze batizados do ano de 1816 foram desconsiderados, pois além de ser um volume ínfimo, há um vácuo nos registros entre janeiro de julho.

Fonte: para a Baixa-Califórnia e Alta-Califórnia: Jackson (1994, p. 148) e para os Sete Povos: Livros de Batismos de 1796 a 1802, de 1803 a 1816, de 1817 a 1822 e de 1829 a 1837 da Matriz de São Francisco de Borja, ADU.

No tocante à média dos recém-nascidos, a diferença em favor do povo de São Borja é gritante, especialmente na primeira década do século XIX, quando registrou-se quase 139 batizados por ano. Neste mesmo decênio, a missão californiana onde mais se batizou crianças foi San Juan Bautista, com apenas 32,5 batizados anuais de crianças. Aliás, essa é a única comunidade missioneira da Califórnia em que, em dois momentos (décadas de 1800 e 1820), a média total se aproxima dos números averiguados em São Borja. Contudo, San Juan Bautista só atingiu aqueles índices com o batismo de 1.178 e 902 de adultos nos decênios de 1800 e 1820, respectivamente, circunstância que praticamente não ocorreu em São Borja. Além disso, mesmo na década de 1830, período em que os Sete Povos estavam praticamente arruinados, o volume de batizados de índios em São Borja era bem superior do que em qualquer uma das missões californianas.

Outro componente importante do universo demográfico que se pode obter por meio dos registros paroquiais é o crescimento natural da população. Para isso, além dos batismos, se faz necessário contar também com os registros de óbitos. Infelizmente, tive acesso apenas às informações sobre os registros de óbitos da primeira década do Oitocentos, mais precisamente do intervalo entre os anos de 1800 a 1811. Com os dados destes assentos paroquiais da Matriz de São Francisco de Borja, verifiquei que neste período foram registrados 493 batizados a mais do que óbitos. Mais uma vez estabeleço uma comparação com as informações averiguadas por Jackson em seu estudo sobre as missões californianas. Uma vez que este autor calculou apenas o *net gain* (ganho/perda líquida), o qual leva em conta somente o número total de batizados (ou seja, batismos de adultos e rebentos), quando possível, acrescento o campo analítico *ganho/perda bruta*,

estabelecido pela diferença entre batismos de recém-nascidos e os óbitos. Fiz isso para refinar a comparação das comunidades californianas com o Povo de São Borja, onde a imensa maioria dos batismos são de guaranis recém-nascidos, o que faz com que a diferença entre o *ganho/perda bruta* e líquida seja desprezível.

Quadro 3– Crescimento/Redução populacional em selecionadas missões da Califórnia

Região	Missões	1800-1809	
		Ganho/Perda bruta*	Ganho/Perda líquida (+/-)**
Baixa-Califórnia	San Fernando de Velicata	-271	-271
	NuestraSeñoradel Rosário	-132	-127
	Santa Rosalia de Mulege		-37
	Santa Gertrudis		-58
	San Francisco de Borja		-51
	Santo Domingo		-79
Alta-Califórnia	San Carlos	-311	-180
	Santa Cruz	-432	-22
	San Juan Bautista	-592	586
	Santo Antonio de Padua		62
	San Luis Obispo		41
	San Francisco de Asis		274
	Santa Clara de Asis		41
	San José		384

* Número obtido a partir da subtração da quantidade de óbitos do montante de batismos de índios recém-nascidos.

** Número obtido a partir da subtração da quantidade de óbitos do total de batismos de índios.

Fonte: para a Baixa-Califórnia e Alta-Califórnia: Jackson (1994, p. 149–150).

No que concerne ao *ganho/perda bruta*, que considera apenas os batismos de recém-nascidos, todas as cinco missões californianas selecionadas apresentaram taxas negativas, o que demonstra a fragilidade da capacidade reprodutiva destas comunidades missionais. Por outro lado, em relação ao *ganho/perda líquida*, que leva em conta os batizados de neófitos adultos, todas as missões da Baixa-Califórnia e duas da Alta-Califórnia tiveram índices negativos mesmo com o recrutamento de novos conversos. Entretanto, em seis povos da Alta-Califórnia, os

valores verificados foram positivos. Embora Jackson só apresente o número de batizados de recém-nascidos para a missão de San Juan Bautista, onde o impressionante ingresso de adultos fez com que a *perda bruta* de -592 (quinhentos e noventa e dois negativos) passasse a um *ganho líquido* de 586, acredito que as taxas positivas das demais cinco comunidades têm a ver com uma bem-sucedida política missionária de arregimentar indígenas adultos, a qual conseguiu cobrir os déficits de reprodução natural. No que tange à sustentabilidade demográfica via reprodução natural, vale ressaltar que o valor constatado para a Matriz de São Francisco de Borja (493), ancorado quase que apenas nos batismos de recém-nascidos, aponta para quadros bem distintos entre os cenários das missões guaranílicas e californianas. Enquanto que em São Borja o aumento demográfico indígena era sustentado pela reprodução natural, nas comunidades californianas se fazia necessária um amplo esforço de recrutamento de grupos de índios gentios para repor uma população que não alcançava crescimento autossustentado.

II

Do universo de 4.525 batizados da Matriz de São Francisco de Borja consegui identificar a condição jurídica dos batizados em 4.405 (97%), a imensa maioria era de indivíduos livres, 4.241 (96%), enquanto que os escravos compareceram à pia batismal em 164 (4%) oportunidades. Estes cativos eram trazidos pelas frentes de povoamento luso-brasileiras que passaram a se estabelecer na região e instalar suas unidades agropastoris.

Do total de 4.405 assentos de batismos de indivíduos livres em todo o período foi possível identificar um qualitativo de cor ou procedência em 4.177 (95%). Elaborei o quadro abaixo seccionando este universo em algumas categorias analíticas.

Quadro 4– Distintivo de cor dos batizados livres (Matriz de São Francisco de Borja, 1796-1835)

Índios	Branços	Mestiços	Preto/Pardo/Mulato
3.372	625	164	16
80,8%	14,9%	3,9%	0,4%

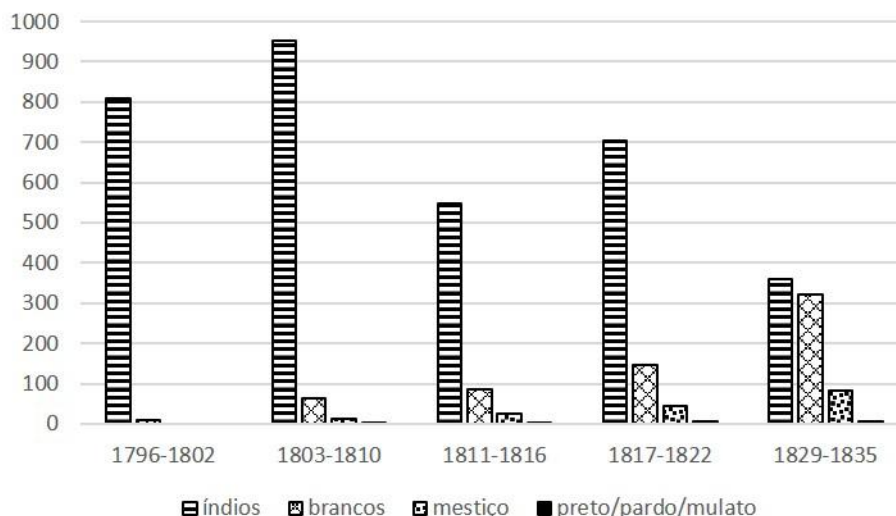
* A categoria *índio* engloba batizados: 1) para o período de 1796 a 1816: a) que as mães faziam parte de cacicados, b) que as mães provinham de outros povos missioneiros (ocidentais ou orientais) e c) que as mães possuíam sobrenomes indígenas; 2) para o período de 1817 a 1822: a) que as mães provinham de povos missioneiros (ocidentais ou orientais), inclusive o Povo de São Borja e b) que as mães possuíam sobrenomes indígenas, e; 3) para o período de 1829 a 1835: a) que os próprios batizados eram declarados índios ou chinas, b) que as mães provinham de povos missioneiros (ocidentais ou orientais), inclusive o Povo de São Borja e c) que as mães possuíam sobrenomes indígenas. A categoria *mestiço* abarca os batizados expressamente indicados como mestiços. A categoria *brancos* abrange os batizados: a) expressamente identificados como brancos, b) aqueles em que não consta nenhuma identificação de cor, mas que o sobrenome da mãe é notoriamente português. A categoria *preto/pardo/mulato* inclui batizados expressamente identificados com estas expressões.

Fonte: Livros de Batismos de 1796 a 1802, de 1803 a 1816, de 1817 a 1822 e de 1829 a 1837 da Matriz de São Francisco de Borja, ADU.

Em primeiro lugar, este quadro geral deixa claro a expressiva preponderância da população indígena no decorrer de todo o período examinado. Porém, a análise diacrônica destes dados revela que embora o cenário integral aponte para o amplo predomínio dos guaranis missioneiros em relação ao conjunto populacional, tal predominância foi significativamente reduzida durante o tempo considerado na pesquisa.

Dividindo os dados pelos cinco intervalos estabelecidos para a análise, conforme figura 1, pode-se perceber que no primeiro subperíodo (1796 a 1803), os guaranis missioneiros perfaziam quase que toda a população batizada na Matriz de São Francisco de Borja. Nada menos do que 810 (99%) dos 819 batizados que pude identificar a cor eram de crianças indígenas enquanto que apenas 9 (1%) eram de crianças brancas. Nos intervalos seguintes, após a anexação dos Sete Povos aos domínios luso-brasileiros, paulatinamente esse cenário passa a mudar com o ingresso de colonos luso-brasileiros com seus escravos. Além disso, em consequência da presença destes novos povoadores emerge também gradativamente uma parcela de população mestiça, oriunda sobretudo de um processo de mestiçagem entre homens brancos e mulheres indígenas.

Figura 1 – Distintivo de "cor" dos batizados livres ao longo do tempo (Matriz de São Francisco de Borja)



Fonte: Livros de Batismos de 1796 a 1802, de 1803 a 1816, de 1817 a 1822 e de 1829 a 1837 da Matriz de São Francisco de Borja, ADU.

No segundo intervalo foram batizados 951 guaranis missioneiros, o que representa 92% dos 1.032 assentos em que foi possível distinguir a cor do batizando livre. Por sua vez, foram 64 registros de crianças brancas, atingindo 6% em termos proporcionais. Neste subperíodo, pela primeira vez, aparecem sujeitos classificados como mestiços 14 (1%) e aqueles com ascendência africana que reuni na categoria preto/pardo/mulato eram 3 (0,3%). A queda de 7 pontos percentuais na representatividade dos guaranis foi quase que completamente compensada pelo aumento de 5 pontos entre os indivíduos de cor branca e o surgimento de uma população mestiça que chegou a 1% do total dos batizados no dito intervalo.

Por conseguinte, no terceiro período, a presença da população não guarani continuou a se ampliar entre os registros batismais de indivíduos livres. A representatividade dos indígenas caiu para 83% com 547 batizados de um total de 657 assentos em que pude constatar a cor do indivíduo batizado livre. Por outro lado, os 85 sujeitos de cor branca representam 13% destes batizados, e os 24 mestiços cerca de 4%, acréscimos de 7 e 3 pontos percentuais respectivamente em

relação ao intervalo anterior. Os dados exibidos na figura 1 guardam certa semelhança com as informações constantes no censo de 1814.

Quadro 5 – População da Província de Missões (1814)

Qualitativo de cor e/ou condição jurídica	nº	%
Indígenas	6.395	85%
Branco	824	11%
Livres de cor	77	1%
Escravos	252	3%
Total	7.458	100%

Fonte: Censo de 1814. In: Fundação de Economia e Estatística. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul** - Censos do RS 1803-1950. Porto Alegre, 1981, p. 50.

Porém, se desconsiderarmos os escravos como foi feito para os batismos, os indígenas atingem cerca de 88% da população livre adulta da Província de Missões, enquanto que brancos chegam a marca de 11% e livres de cor apenas 1%. Creio que as pequenas distorções na representatividade dos grupos sociais ocorrem em virtude da ausência no censo da categoria mestiço que adotei na classificação dos batismos. Provavelmente, no censo, os indígenas estejam um pouco superestimados pois como a maioria dos mestiços eram fruto das relações entre homens brancos e mulheres guaranis, que provavelmente ficavam com estas crianças, devem ter sido alocados como indígenas por aqueles que realizaram o levantamento populacional em 1814. Enfim, entendo que a proximidade dos dados apresentados pelo censo com os averiguados nos registros paroquiais de batismos dá maior confiabilidade a estes e, em contrapartida, acabam também reforçando o próprio censo.

Infelizmente o censo de 1814 não especifica a quantidade de missionários por povo. Mesmo sabendo que havia uma considerável variação do número de índios entre as sete reduções orientais, para fins de comparação, irei considerar a média de 914 guaranis por povo. No quadro 6, tendo como referência o ano de 1814, reuni informações de várias missões em diferentes áreas americanas. Além

das Califórnia, inclui dados sobre as missões da Pimeria Alta (noroeste da Nova Espanha, atual noroeste do México) e de Chiquitos (nas terras baixas do Peru colonial, centro-leste da atual Bolívia). Nos próximos parágrafos, antes de realizar as comparações, apresento informações básicas sobre estes complexos missioneiros.

Em 1687, os jesuítas estabeleceram a primeira missão no território Pima do norte em Sonora. As missões entre os Pimas do norte foram a extensão mais setentrional de uma empresa missionária jesuíta iniciada na década de 1590 no centro de Sinaloa, depois de sessenta anos de contato esporádico com os espanhóis. O programa jesuíta em Sonora tentou transformar os Pimas do norte e outros grupos em uma comunidade de camponeses mais sedentários, ao longo das linhas das comunidades indígenas corporativas na Nova Espanha central. Apesar das revoltas periódicas e outras formas de resistência ativa e passiva, os missionários jesuítas conseguiram algum sucesso em atrair convertidos para suas missões (JACKSON, 1994, p. 14).

Por meio da congregação, os missionários jesuítas recriaram comunidades agrícolas permanentes nos principais vales dos rios no norte de Sonora e, quando epidemias despovoaram as comunidades, eles repovoaram as missões reassentando os índios Pima do norte. A congregação do Pimas do Norte ocorreu em várias fases relacionadas com a disponibilidade de missionários e a disposição do governo vice-real da Cidade do México para financiar as missões e fornecer guarnições militares para proteger os jesuítas. O processo de conversão ou organização do Pimas do norte em um sistema de comunidades missionárias pode ser cronologicamente dividido em quatro períodos, com base na disponibilidade de missionários e mudanças no clima político e política oficial: 1) a primeira expansão entre 1687 e 1711; 2) redução de pessoal diante da escassez de missionários (1711-1732); 3) várias tentativas de expansão do número de missões, à medida que o governo enviou mais missionários para o norte de Sonora e se encontrou com crescente resistência por tribos Pima ainda fora do controle dos missionários (1732-1767), e; 4) o período franciscano (1768 - 1830), caracterizado por um padrão de repovoamento das aldeias missionárias existentes com índios Papagos do

deserto que dependiam de recursos alimentares sazonais geralmente disponíveis apenas nas aldeias missionárias (JACKSON, 1994, p. 16).

As missões de Chiquitos prosperaram sob a administração jesuítica. Para Daniel J. Santamaría, “o crescimento da população reduzida nas missões foi firme, tanto pela chegada quase permanente de grupos recém evangelizados como por taxas normais de crescimento vegetativo” (SANTAMARÍA, 1987, p. 266). Em Chiquitos os inacianos também reuniram distintas etnias. Nos 7 povos de Chiquitos reuniu-se 12 etnias: zamucos, cayporotades, turacba, guijon, tabica, saraba, saray y tupi, coerece, quibicho, matiminaja e potorera (WILDE, 2009a, p. 92-93 [nota 8]).

Até a expulsão dos inacianos da América hispânica (1767-68), as missões chiquitanas conservaram um caráter quase que exclusivamente auto-abastecedor. As atividades produtivas que mais se destacaram em volume e valores em Chiquitos foram a pecuária, o cacau e o algodão. Os indígenas desenvolveram diversas formas de criação de gado, a muar, equina, a ovina, porém a mais importante foi a bovina. A partir do pastoreio do gado *vacum* se obtinha carne para consumo nas missões e o sebo que para exportação. A exploração desenfreada dos bovinos para a produção de sebo provocou um vertiginoso declínio dos rebanhos após a saída da Companhia de Jesus, o rebanho caiu de 43 mil em 1762 para menos de 20 mil em 1794, e a apenas 4 mil em 1805 (SANTAMARÍA, 1987, p. 279; 280; 281). O setor algodoeiro também assumiu um papel relevante na dinâmica econômica do complexo reducional chiquitano. A cultura do algodão gerou uma vasta gama de manufaturas têxteis. A confecção de panos permitiu um maior aproveitamento do trabalho indígena, assentou bases mais firmes nas economias domésticas e impulsionou as exportações. Todavia, o desenvolvimento do setor algodoeiro foi lento e ficou praticamente restrito a tecidos grosseiros destinados ao mercado interno (SANTAMARÍA, 1987, p. 283; 284; 285).

Quadro 6 – Populações de distintas missões e outras regiões da América

Região	Missões	Ano	População
Texas	Rosario	1805	62
Pimeria Alta	Tumacamori	1812	79
	Guevavi-Tumacamori	1813	119
	Ati	1814	52
Baixa Califórnia	Mulege	1808	39
	San Ignacio	1808	91
	San Borja	1808	192
	Santa Gertrudis	1809	124
	San Fernando	1811	128
	Rosario	1811	176
Alta-Califórnia	Santo Domingo	1807	239
	San Carlos	1811	485
	San Luis Obispo	1812	677
	San Francisco	1813	1.205
	San Juan Capistrano	1813	1.249
	Santa Cruz	1813	398
	San Juan Bautista	1814	607
	Santa Clara	1814	1.306
	San José	1814	1.149
	Soledad	1815	500
	San Miguel	1815	1.050
	San Luis Rey	1815	1.866
	San Gabriel	1816	1.644
San Rafael	1819	509	
Chiquitos	San Xavier	1819	2136
	Concepción		2751
	San Rafael		1692
	San José		2451
	San Miguel		3209
	San Juan		1999
	San Ignacio		4106
	Santa Ana		1790
	Santiago		714
	Santo Corazón		779

Fonte: para Chiquitos: Jackson (2015, p. 251–253); para Alta-Califórnia: Jackson (1994, p. 84; 87; 88; 90; 91; 93; 95; 96; 98; 100; 102; 103; 105; 106); para Baixa Califórnia: missões de San Borja e San

Ignacio: Jackson (2001, p. 33), para as demais Jackson (1994, p. 72; 77; 79; 81), para o Texas: Jackson (2001, p. 35) e; para Pimeria Alta: Jackson (1994, p. 62; 65; 69).

Confrontando a média de 914 guaranis por povo nas sete reduções orientais com os números averiguados para diversas outras missões, se pode perceber que o número de indígenas que habitavam os Sete Povos ainda era bastante considerável em meados dos anos 1810. Em fins desta década, várias missões chiquitanas possuíam populações mais avantajadas em relação aos Sete Povos. As populações das missões de Chiquitos tinham altas taxas de fecundidade e de mortalidade, tal qual as missões platinas. Os índices de natalidade, na maioria dos anos, tendem a ser mais elevadas do que os de mortalidade, apesar daqueles, no geral, não serem tão altas quanto nas reduções de guaranis. Além disso, alguns censos registram o batizado de adultos, indicando a incorporação de novos conversos (JACKSON, 2015, p. 117–118). Esta última situação difere do que averigui nos assentos de batismos da Matriz de São Francisco de Borja, onde foram raríssimos os batizados de guaranis adultos entre 1796 a 1835, e em parte ajuda a explicar o maior volume populacional das missões chiquitanas nas primeiras décadas do Oitocentos.

Na Alta-Califórnia, diversas missões atingiram números expressivos nos decênios iniciais do século XIX. No quadro 6, se pode notar que sete das quatorze comunidades ultrapassaram o número de 914 habitantes. Conforme Robert H. Jackson, o complexo missionário da Alta-Califórnia caracterizou-se por consideráveis variações regionais nas taxas vitais: nas missões meridionais, elas foram menos severas do que nas setentrionais. Por exemplo, em Santa Clara (situada no norte), as taxas brutas de natalidade e mortalidade foram, em média, de 35 e 114 por mil habitantes, respectivamente, as taxas de reprodução bruta e líquida foram de 1,13 e 0,05, a média de esperança de vida no nascimento foi de 3,2 anos e a taxa média de declínio populacional ao longo de uma geração foi de 95% (JACKSON, 1994, p. 104). Por outro lado, na missão de San Juan Capistrano (localizada no sul), a média da taxa de natalidade bruta foi de 47 por mil habitantes, a de mortalidade foi de 67 por mil habitantes, as taxas de reprodução bruta e líquida foram de 2,62 e 0,51, a esperança média de vida ao nascer foi em

média de 12,3 anos e a taxa de declínio populacional foi de 49% ao longo de uma geração (JACKSON, 1994, p. 88).

Entretanto, alguns traços comuns podem ser apontados para toda aquela área. Primeiro, embora as epidemias tenham causado alguns episódios traumáticos que aumentaram a mortalidade em curtos intervalos de tempo, elas foram bem menos relevantes em toda a Alta-Califórnia do que em outras províncias vizinhas (por exemplo, Baixa-Califórnia, Pimeria Alta e Sonora) devido ao isolamento daquela zona até o início do século XIX. Segundo, as estruturas por sexo e idade ficaram marcadas pelo desequilíbrio, apresentando altas taxas de mortalidade entre as mulheres e crianças pequenas, o que provocava um déficit progressivo nesses grupos. Terceiro, a elevada mortalidade de mulheres reduziu drasticamente a capacidade reprodutiva das populações missionárias, na década de 1830, por exemplo, os homens adultos constituíam o maior grupo das populações missionárias. Quarto, além das baixas taxas de natalidade, a situação era agravada ainda mais com a intensa mortalidade das crianças recém-nascidas. Por último, as populações das missões alto-californianas experimentaram períodos de importante crescimento, mas com poucas exceções, esse aumento demográfico se devia muito mais em função da congregação de adultos que acabavam disfarçando a incapacidade destas comunidades se sustentarem via reprodução vegetativa (JACKSON, 1994, p. 83–116).

As missões da Pimeria Alta e da Baixa-Califórnia possuíam populações bastante reduzidas nas primeiras décadas do século XIX. A população das missões da Pimeria Alta passou por um gradual processo de declínio, diferentemente do que ocorreu nas províncias vizinhas onde os baques demográficos foram mais intensos em curtos espaços de tempo. Em razão disto, ainda em décadas relativamente avançadas como 1830 e 1840 se encontravam índios pimas vivendo em missões nesta região. As taxas vitais das comunidades missionárias da Pimeria Alta foram determinadas por 3 fatores principais: 1) a frequência e a virulência das epidemias; 2) os baixos índices de natalidade e altos de mortalidade infantil, e; 3) o sucesso nas atividades de repovoamento das missões com o recrutamento de novos conversos. Exemplos desses padrões podem ser verificados nas missões Guevavi-

Tumacacori e Ati. Na primeira, a taxa de natalidade média era de 48 por mil habitantes e a taxa bruta média de reprodução de 2,73. No entanto, a taxa bruta de mortalidade foi consistentemente mais elevada com média de 60 por mil habitantes. Por sua vez, a taxa de reprodução líquida média foi de 0,66, o que indica uma taxa de declínio estável, mas gradual, em uma geração de 34%. A esperança média de vida média ao nascer era de 15,2 anos (JACKSON, 1994, p. 64). Na comunidade missionária Ati, a taxa de natalidade média foi de 42 por mil habitantes e a razão média de reprodução bruta de 2,21. A taxa bruta de mortalidade foi em média de 73 por mil habitantes. Por seu turno, a taxa de reprodução líquida foi de 0,42. A média de despovoamento ao longo de uma geração foi de 48% e, por fim, a expectativa de vida média era 13,2 anos após o nascimento (JACKSON, 1994, p. 68).

Na Baixa Califórnia, os impactos populacionais foram mais agudos do que na Pimeria Alta, entretanto, as razões são praticamente as mesmas (JACKSON, 1994, p. 55–81). Segundo Robert H. Jackson “as populações indígenas das missões do norte do México foram instáveis e não viáveis, dado que não se reproduziam por meio de reprodução natural e dado que as taxas de mortalidade tendiam a ser mais elevadas que as taxas de nascimento” (2003, p. 54). Para o autor, “o estudo detalhado da missão de Santa Gertrudis, estabelecida em 1751, na Baixa Califórnia, ilustra amplamente essas características de instabilidade populacional” (JACKSON, 2003, p. 54). Para se ter uma ideia mais concreta, nesta missão, enquanto a média da taxa bruta de nascimento foi de 43,7, a da taxa bruta de mortalidade era de 80. As médias da taxa bruta e líquida de reprodução foram de 2,79 e 0,46, respectivamente. Por sua vez, a expectativa de vida média ao nascimento era de 10,6 anos (JACKSON, 1994, p. 77).

III

Voltando à análise da figura 1, verifica-se que no quarto subperíodo (1817 a 1822) continua a se processar a paulatina transformação do perfil social da região. Os indígenas ainda mantinham sua predominância atingindo 78% dos batizados (703 de 898), os brancos chegavam a 16% (145), os mestiços 5% (43) e a categoria

pretos/pardos/mulatos marcava aproximadamente 1% com 7 registros. Entretanto, é no último intervalo (1829-1835) que fica clara a profunda transformação social pela qual a região vinha passando desde os primeiros anos do século XIX. Embora os batizados de guaranis ainda fossem a maioria (361 de 771), a sua representatividade despencou 31 pontos percentuais em relação ao intervalo anterior, chegando a 47%, pouco acima dos 42% (322) atingidos pelos batizados de cor branca. Nesta altura dos acontecimentos do Oitocentos, na região dos Sete Povos, o processo de mestiçagem havia ganhado mais força e os mestiços representavam em torno de 11% dos batizados livres na Matriz de São Francisco de Borja, enquanto que os indivíduos livres de ascendência africana livre não chegaram nem a 1% tendo sido batizados apenas 7.

Entendo que os dados apresentados deixam patente que os eventos que se desencadearam no decorrer da década de 1820, após o fim do ciclo artiguista (c. 1810- c. 1820), como a independência política brasileira (1822), a guerra da Cisplatina (1825-1828), a intensificação do ingresso de colonos brasileiros na região, as consequências das manobras de José Frutuoso Rivera junto a população guarani missioneira, entre outros, foram decisivos para acelerar e aprofundar estas transformações no cenário demográfico da região. Até onde as informações levantadas mostram, parece que foi no decorrer deste decênio que se intensificou o processo que alterou significativamente o perfil demográfico da região fazendo com que os batizados de guaranis missioneiros despencassem de 78% para 47% do universo de batizados, enquanto que os batismos de brancos saltassem de 13% para 42%. Lamentavelmente, não consegui localizar o livro de batismo do período que vai de 1823 a 1828, situação que impede que eu possa apurar a variação quantitativa dos batizados neste período e assim constatar com maior solidez se tal transformação se processou de maneira contínua ao longo destes cinco anos ou ocorreu de maneira abrupta devido a algum episódio específico.

O processo de diminuição da população guarani deve-se em boa medida aos conturbados movimentos de independência dos Estados do Prata. Neste contexto, os guaranis missioneiros também possuíam seus interesses próprios e estiveram ativamente mobilizados em busca de concretizarem seus objetivos políticos,

embora não possam ser percebidos como um bloco homogêneo e isento de contradições e com um projeto único. Destacados potentados platinos como José Artigas e Frutuoso Rivera foram hábeis em mobilizar importante parcela dos guaranis missioneiros, tanto dos Sete Povos orientais quanto dos outros 23 povos do lado ocidental do rio Uruguai. Para se ter uma noção mais clara do impacto causado por tais contendidas, estima-se que, no fim dos anos 1820, durante a retirada do Exército do Norte dos Sete Povos, seguiram o General José Frutuoso Rivera cerca de seis mil guaranis missioneiros (PADRÓN-FAVRE, 2009, p. 82).

Encontrei evidências empíricas desta evasão em alguns documentos. A primeira menção está na cópia da declaração da venda da estância de São Vicente pertencentes ao povo de São Miguel. Nele constava que parte do pagamento, no valor de “[...] dois contos e quinhentos mil réis [serviria] para [...] gastos extraordinários das *famílias que voluntariamente seguem ao Exército do Norte*, [...] e queremos que o resíduo o conserve em seu poder para o exigirmos em qualquer tempo que nos convenha, [...] em proveito [...] dos interesses gerais dos Sete Povos e [...] a outros fins *especialmente benéficos às famílias emigradas*, [...]”. Outra referência está num ofício de 1830, enviado ao Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro, em que o Tenente-Coronel Manoel da Silva Pereira do Lago contesta a venda de tal estância. Na dita carta o remetente esclarecia que era “[...] nula toda e qualquer venda feita por *aqueles indígenas que acompanharam o partido de Frutuoso Rivera* e resultado daqueles proprietários estarem sujeitos a uma administração posta por Sua Majestade Imperial, em consequência de se considerarem de menor idade e não serem capazes de regerem nem os bens que lhes pertencem”. Em seu relatório de 20 de abril de 1835, Fernandes Braga, o presidente da Província, “relembra que: *antes da invasão de Frutuoso Rivera no território de Missões no fim da última guerra existiam em sete Povos perto de 7 mil Índios que foram arrancados às suas habitações e colocados entre o[s] [rios] Quaraí e Arapeí na chamada Bella União*. [...]”. Este foi um dos mais relevantes episódios do processo de dispersão dos guaranis missioneiros pela região platina e Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX. Os indícios documentais parecem não deixar dúvidas que um expressivo número de famílias de

guaranis missioneiros deixou a região seguindo a Frutuoso Rivera no fim do decênio de 1820 rumo à Bela União, localizada no extremo noroeste do atual território uruguaio.

O referido impacto demográfico da transmigração dos guaranis pode ser percebida em alguns documentos coevos. Entre 1827 e 1833, o Tenente-Coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, Comandante Geral da Província de Missões e Administrador Geral dos Sete Povos, elaborou três detalhados mapas descrevendo, entre outras coisas, a população, os bens, as propriedades e a produção de cada um dos povos. As estatísticas populacionais discriminam homens e mulheres, e os distinguem entre úteis, menores e inválidos.

O primeiro mapa aponta que o contingente populacional de guaranis missioneiros que ainda viviam sob o sistema reducional nos sete povos em 1827 era de 1.874 indivíduos. Este número de pessoas era residual se aceitarmos que 14.010 indígenas habitavam tal região em 1801, reduzindo para 6.395 em 1814 e, por conseguinte, caindo para 2.350 em 1822 (PORTO, 1943, p. 416a). Entretanto, a presença de quase dois mil guaranis está longe de ser inexpressiva, ainda mais considerando que quase ao fim da década de 1820 já haviam se desenrolado diversos processos bélicos que impactaram diretamente sobre a região missioneira fazendo com que esta mergulhasse numa grave crise social, política e econômica. Ademais, mesmo com este agudo declínio demográfico guarani em menos de três décadas, levando em conta que por meio dos assentos de batismos se constatou que os índios perfaziam quase a metade da população livre batizada na Matriz de São Francisco de Borja entre 1829-1835, se pode considerar que estes quase dois mil indígenas indicados no mapa representavam cerca de metade da população livre da região dos Sete Povos em 1827.

Quadro 7 – População guarani dos Sete Povos (1827, 1832 e 1833)

		1827		1832		1833	
Homens	Úteis	160	615	108	108	173	204
	Menores	193				31	
	Inválidos	262					
Mulheres	Úteis	567	1.259	124	124	199	230
	Menores	256				31	
	Inválidas	436					
Total		1874		232		434	

Fonte: Para 1827: Mapa dos Sete Povos de 1827. In: Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul (RAPERS), nº. 1 janeiro de 1921. Para 1832: Mapa dos Sete Povos de 1832, Fundo Autoridades Militares, Maço 117, Correspondência do Tenente-Coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, Administrador Geral dos Sete Povos das Missões brasileiras, ARHS. Para 1833: Mapa dos Sete Povos de 1833, Fundo Autoridades Militares, Maço 117, Correspondência do Tenente-Coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, Administrador Geral dos Sete Povos das Missões brasileiras, ARHS.

Antes de analisar os números expostos na tabela acima é importante fazer uma ressalva. O exíguo número de guaranis registrado pelo Tenente-Coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, último Administrador Geral dos Sete Povos, entre 1832 e 1833 refere-se somente aqueles que ainda viviam nos povos. Ou seja, não estão compreendidos nas considerações do Tenente-Coronel Lago um número *n* de guaranis que até aquele momento já havia deixado de viver nas reduções e que conseguiram reunir recursos para permanecer na região.

Passando a analisar os dados do quadro 7, o primeiro ponto que desperta atenção é que entre 1827 e 1832-33 a quantidade de indígenas que viviam nos povos despenca vertiginosamente. Acredito que tal redução esteja vinculada ao famigerado episódio da transmigração guarani liderada por Rivera em fins da década de 1820, mais precisamente nos últimos meses do ano de 1828 (FREGA, 2007; PADRÓN-FAVRE, 2009). Contudo, pouco tempo depois, por volta de 1832, devido às péssimas condições em que se encontravam em Bela União, um grupo de índios se rebelou contra Rivera. A principal consequência desta revolta foi o fim da dita colônia, fato que gerou uma nova onda migratória, na qual parte dos guaranis retornou à região dos Sete Povos.

Os números apresentados nos Mapas dos Sete Povos parecem confirmar a ocorrência deste evento histórico. Observa-se no quadro acima que aumentou tanto o número de homens quanto o de mulheres nos Sete Povos. Além disso, no verso do Mapa de 1833, o Tenente-Coronel Manoel da Silva Pereira do Lago relata que:

com respeito, a população dos indígenas que dantes haviam presentemente tem vindo para os ditos Povos os índios constante do Mapa os quais dirigem seus trabalhos de agricultura cada um (por si) a exceção dos de São Miguel onde se acha um administrador ganhando 10\$000 mensais tanto *para dirigir os índios que para aquele tenho mandado vindos da Bela União, [...]*

Através das palavras do Administrador Geral dos Sete Povos se averigua que uma pequena parte dos índios que acompanharam Rivera para Bela União no fim dos anos 1820 retornou para a região dos Sete Povos da Missões, sendo conduzida para o Povo de São Miguel. Por sua vez, em seu relatório de 1835, o Presidente da Província também fazia menção ao regresso dos guaranis. Conforme Fernandes Braga “a pouca comodidade que encontraram na nova Colônia [Bela União], [fez com que] os índios a [desamparassem] e *uma pequena porção deles regressou às Missões*”. Enfim, parece não faltar evidências empíricas para demonstrar que a redução do contingente populacional dos Sete Povos a partir de fins dos anos de 1820 esteve ligada aos acontecimentos resultantes das contendas bélicas que se sucediam de tempos em tempos naquele espaço fronteiro e que teve em Frutuoso Rivera um dos seus mais destacados personagens.

Considerações finais

Até ao menos fins dos anos 1810 a estrutura demográfica se conservou em relativa estabilidade, impedindo o desencadeamento de uma anomia generalizada entre a população missioneira nos momentos imediatamente posteriores a 1801. Apesar da redução do número absoluto de guaranis e da queda de sua representatividade no universo demográfico em virtude do ingresso das primeiras levas de povoadores luso-brasileiros na região dos Sete Povos, os povos orientais ainda reuniam condições para abrigar uma importante parcela da população

guarani, a qual seguia convivendo com as principais instituições missionárias. Como se constatou com a comparação com outras áreas missionárias na América, até meados da década de 1810 a quantidade de indígenas que habitavam nos Sete Povos ainda era significativa. Além disso, diferentemente do que ocorria em quase todas as comunidades missionárias da Alta e Baixa Califórnia, Pimeria Alta e Chiquitos, onde a incorporação de adultos para repovoar as missões era constante, o contingente populacional guarani missionário se assentava na reprodução natural. Como demonstra os dados obtidos por meio dos registros de batizados, na Matriz de São Francisco de Borja praticamente não ocorreram batizados de adultos. O crescimento vegetativo, sem dúvida, foi um dos fatores que permitiu que os guaranis enfrentassem de maneira consistente a grave crise econômica, política e bélica que se abateu sobre o complexo missionário a partir de meados do século XVIII e que se arrastou até os anos 1830.

Todavia, a partir de 1817, em consequência da conjuntura de vicissitudes bélicas e incertezas políticas ensejadas pelos processos de independência política das repúblicas platinas e do Império do Brasil, a configuração do arranjo demográfico missionário passa a se transformar consideravelmente. A meu ver, esta nova formatação populacional é um claro indício de que o contexto conflituoso e de instabilidades institucionais provocou um sério abalo na organização política e socioeconômica dos povos missionários. A conjuntura de belicosidade constante após 1810 afetou gravemente a dinâmica produtiva missionária ao transformar boa parte da mão de obra em força bélica e drenando recursos das reduções para o sustento das tropas. Para Max Ribeiro (2013), a produção das comunidades foi, por interesse do Império português e, depois de 1822, brasileiro, orientada para uma logística de guerra que visava garantir a defesa das fronteiras e a definitiva posse da região. Isto, por sua vez, segundo o autor, abalou a subsistência das comunidades, pois afetava sua capacidade produtiva ao retirar os jovens guaranis do trabalho além de destinar boa parte da produção das comunidades para o sustento das tropas destacadas.

Este quadro foi agravado ainda mais com a concomitante intensificação do afluxo de colonos luso-brasileiros no território dos Sete Povos, processo que acabou

exercendo uma pressão demasiada sobre a debilitada estrutura socioeconômica missioneira. Ao passo que se desenrolava a dispersão guarani, ocorria também o gradativo ingresso de povoadores luso-brasileiros na região. Ao longo dos anos 1820, estes e outros fatores fizeram com que a população missioneira fosse deixando de ser indispensável para a manutenção do controle político do território dos Sete Povos. Ou seja, gradualmente, a sociedade luso-brasileira foi adquirindo condições estruturais que lhe permitiu exercer o domínio político e econômico na região

Neste novo contexto, que emergiu paulatinamente após meados da década de 1810, o contingente missioneiro, antes visto como aliada e imprescindível para a incorporação daquele espaço à jurisdição portuguesa, se tornou numa população inconveniente. Especialmente após os episódios envolvendo as operações bélicas de José e Andresito Artigas (na segunda metade dos anos 1810) e de Frutuoso Rivera (em fins da década de 1820), nos quais significativa parte dos missioneiros se perfilaram ao lado desses caudilhos platinos, os guaranis passaram a ser vistos com muita desconfiança pelos luso-brasileiros. Isto fica claro no texto de uma ata de sessão extraordinária do Conselho Administrativo realizada no dia 21 de julho de 1832 em que se aconselhava que “se convinha retirar o *Regimento nº 25 de Cavalaria de 2ª Linha estacionado em Missões por ser todo composto de índios que pela sua volubilidade pode tomar parte em alguma empresa que projetem os chefes e oficiais do estado vizinho que se asilarem nesta Província*”.

Referências Bibliográficas

BRACCO, Diego. **Charrúas, guenoas y guaraníes. Interacción y destrucción: indígenas en el Río de la Plata**. Montevideo: Linardi y Risoo, 2004.

CHIARAMONTE, José C. **Ciudades, provincias, Estados: orígenes de la nación argentina, (1800-1846)**. Buenos Aires: Ariel, 1997.

FARINATTI, Luís Augusto. Gente de todo lado: deslocamentos populacionais, registros de batismo e reordenação social na fronteira meridional (Alegrete, 1816-1845). In: SCOTT, Ana Silvia V. et al. (Eds.). **História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas**. São Leopoldo (RS): Oikos, 2014. p. 215–238.

_____ ; RIBEIRO, Max Roberto P. Guaranis nas capelas da fronteira: migrações e presença missioneira no Rio Grande de São Pedro (Alegrete e Santa Maria, 1812-1827). **Anais do XII Simpósio Internacional IHU - A Experiência Missioneira: território, cultura e identidade**, Anais. [s. l.], Anais, 2010.

FONTELLA, Leandro Goya. Troncos Missioneiros: Guaranis e mobilidade social na região das Missões (Rio Grande de São Pedro, primeira metade do século XIX, notas de pesquisa). **Revista Latino-americana de História**, [s. l.], v. 3, n. 11, p. 76–96, 2014.

_____. **As Missões Guaraníticas num contexto de Cultura de Contato: uma interpretação sobre as interações entre sociedades indígenas e euro-americanas (c.1730 – c.1830)**. 2017. Tese de doutorado - PPGHIS/UFRJ, Rio de Janeiro (RJ), 2017.

FREGA, Ana. Conflictos fronterizos en la conformación estatal, 1828 – 1830. **Cadernos do CHDD**, [s. l.], 2007.

GARCIA, Elisa. **As Diversas Formas de Ser Índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no Extremo Sul da América Portuguesa**. 2007. PPGH/UFF, Rio de Janeiro, 2007.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **Revolución y guerra: formación de una élite dirigente en la Argentina criolla**. 3. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.

JACKSON, Robert H. **Indian population decline: the missions of northwestern New Spain, 1687-1840**. Albuquerque (NM): University of New Mexico Press, 1994.

_____. Una frustrada evangelización: las limitaciones del cambio social, cultural y religioso en los “pueblos errantes” de las misiones del desierto central del Baja California y la región de la costa del Golfo de Texas. **Fronteras de la Historia**, [s. l.], v. 6, p. 7–40, 2001.

_____. Missões nas fronteiras da América espanhola: análise comparativa. **Estudos Ibero-Americanos**, [s. l.], v. XXIX, n. 2, p. 51–78, 2003.

_____. The Post-Jesuit Expulsion Population of the Paraguay Missions, 1768-1803. **Revista de História Regional**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 134–169, 2008.

_____. **Demographic change and ethnic survival among the sedentary populations on the Jesuit mission frontiers of Spanish South America, 1609-180 : the formation and persistence of mission communities in a comparative context**. Leiden / Boston: Brill, 2015.

MACHÓN, Jorge F.; CANTERO, Oscar D. **Andrés Guacurarí y Artigas**. Misiones: Creativa, 2006.

_____ ; CANTERO, Oscar D. **Andresito Artigas. El líder guaraní-misionero del artiguismo**. Durazno (Uruguay): Tierradentro, 2013.

MAEDER, Ernesto. **Misiones del Paraguay: Conflicto y disolución de la sociedad guaraní (1768-1850)**. Madri: MAPFRE, 1992.

_____. De las misiones del Paraguay a los estados nacionales. configuración y disolución de una región histórica: 1610-1810. *In*: GADELHA, R. M. (Org.).

Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea. São Paulo (SP): EDUC, 1999, p. 113–129.

_____; BOLSI, Alfredo. La población de la provincia de Misiones en la época post-jesuítica. **Folia Histórica del Nordeste**, [s. l.], v. 5, p. 60–106, 1982.

MELO, Karina M. R. da S. **Histórias indígenas em contextos de formação dos Estados argentino, brasileiro e uruguaio: charruas, guaranis e minuanos em fronteiras platinas (1801-1818)**. 2017. Tese de doutorado - PPGH/UNICAMP, Campinas (SP), 2017.

MENZ, Maximilian Mac. **Tesouro das Missões: a integração do Espaço Oriental Missioneiro na economia sul-rio-grandense**. 2001. Dissertação de Mestrado - PPGH/UNISINOS, São Leopoldo (RS), 2001.

PADRÓN-FAVRE, Oscar. **Ocaso de un pueblo indio. Historia del éxodo guaraní-misionero al Uruguay**. 2º ed. Durazno: Tierradentro (Uruguay), 2009.

POENITZ, Erich E. La disolución de las misiones: último capítulo. **Folia Histórica del Nordeste**, [s. l.], v. 6, p. 157–180, 1984.

_____. El éxodo oriental en el noroeste entrerriano 1811-1812.

Historiografía rioplatense, [s. l.], v. 5, p. 89–131, 1997.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

PRAIA, Felipe S. **Para que cada pueblo se gobierne por si": modernidade política e atores indígenas na região do Rio da Prata (1810-1821)**. 2017. Dissertação de Mestrado - PPGH/UFRGS, Porto Alegre (RS), 2017.

RANZAM, Alfredo C. **O papel, a pena e a fronteira: manifestações escritas e ação indígena nas reduções guaranis do Paraguai (1767-1810)**. 2015. Dissertação de Mestrado - PPGH/UFRGS, Porto Alegre (RS), 2015.

RIBEIRO, Max Roberto P. **Estratégias indígenas na fronteira meridional: os guaranis missioneiros após a conquista lusitana**. 2013a. Dissertação de Mestrado - PPGH/UFRGS, Porto Alegre (RS), 2013.

_____; FONTELLA, Leandro Goya. O Êxodo Missioneiro: um estudo sobre os fluxos migratórios de guaranis das Missões (Fronteira do Rio Pardo). **Anais da X Mostra de pesquisa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: produzindo história a partir de fontes primárias**, [s. l.], n. Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas – CORAG, p. 27–46, 2013.

SANTAMARÍA, Daniel J. La economía de las misiones de Moxos y Chiquitos (1675 - 1810). **Ibero-Amerikanisches archiv**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 255–195, 1987.

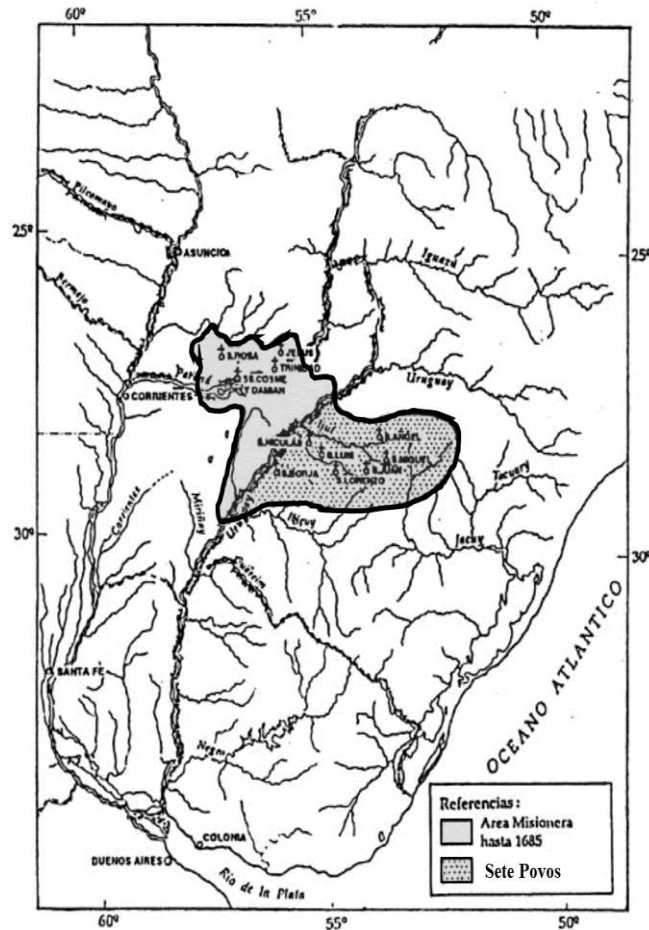
WEBER, D. J. **Bárbaros: Los españoles y sus salvajes en la era de la Ilustración**. Barcelona: Editorial Crítica, 2007.

WILDE, Guilherme. Territorio y Etnogénesis Missional en el Paraguay del Siglo XVIII. **Fronteiras**, [s. l.], v. 11, n. 19, p. 83–116, 2009. a.

_____. **Religión y poder en las misiones guaraníes**. Buenos Aires: SB, 2009. b.

Anexos:

Figura 2 – Complexo Missioneiro Guaranítico (c. 1730 – c. 1830)



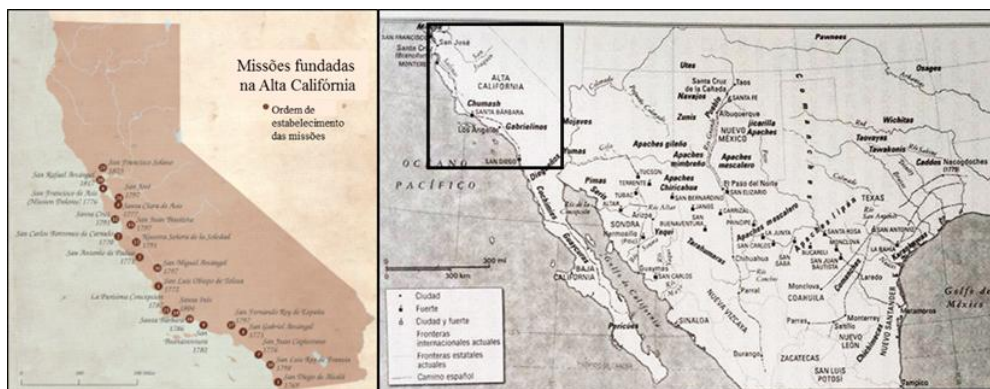
Fonte: adaptação de MAEDER (1999, p. 120).

Figura 3 – Missões Jesuíticas na América Hispânica (1767)



Fonte: adaptado de Weber (2007, p.168).

Figura 4 – Missões Franciscanas na Alta Califórnia (c. 1770 – c. 1800)



Fonte: para o mapa das missões franciscanas da Alta Califórnia no período aproximado de 1770 a 1800 que foi alocado na esquerda: adaptação de <<https://goo.gl/eKuWe5>>; para o mapa colocado na direita, norte da Nova Espanha em 1776: adaptação de WEBER (2007, p. 113).

Recebido em Março de 2018
Aprovado em Maio de 2018